

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

MAIS QUE UMA NOVA TRADUÇÃO DE ANSELMO

ANSELMO DE CANTUÁRIA, Santo. **Proslógio**.
Tradução de Sérgio de Carvalho Pachá.
Porto Alegre: Concreta, 2016. 122 p.
(Coleção Escolástica).

Willibaldo Ruppenthal Neto¹

Sendo considerado por muitos como o fundador da Escolástica, poder-se-ia dizer que Anselmo dispensa apresentações. No entanto, boas apresentações e também (pelo menos para quem, como eu, não tem um latim tão apurado) boas traduções, são, na verdade, indispensáveis. É justamente por isso que esta nova edição de seu *Proslógio* se faz tão importante, suprimindo um campo carente no mercado editorial brasileiro, trazendo não somente uma tradução fidelíssima ao latim, empreendida por Sérgio de Carvalho Pachá², que foi Lexicógrafo-Chefe da Academia Brasileira de Letras por muitos anos, como ainda uma notável apresentação escrita por Sidney Silveira, intitulada “Santo Anselmo: o inteligível como busca incessante”³.

A disponibilidade do *Proslógio* em português não é uma novidade: este texto já estava presente entre as obras de Anselmo escolhidas para a coleção *Os Pensadores*, tendo sido

¹ Aluno do Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em História pela UFPR e Bacharel em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED). Bolsista CNPq. E-mail para contato: willibaldoneto@hotmail.com

² Sérgio de Carvalho Pachá, que possui Bacharelado em Literatura Portuguesa e Licenciaturas em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e em Língua Latina e Literatura Latina, todos pela PUC-RJ, é ainda Mestre em Língua Portuguesa pela UFF e Doutor em Língua e Literatura Hispânica pela Universidade da Califórnia, Santa Bárbara. Além de gramático, lexicógrafo e tradutor, é professor no Instituto Angelicum.

³ SILVEIRA, Sidney. “Apresentação – Santo Anselmo: o inteligível como busca incessante”, In: ANSELMO DE CANTUÁRIA, Santo. **Proslógio**. Tradução de Sérgio de Carvalho Pachá. Porto Alegre: Concreta, 2016, p. 17-35.

publicada juntamente com o *Monólogo* (além de *A verdade* e *O gramático*, junto com textos de Abelardo)⁴, sendo ambas obras traduzidas por Ângelo Ricci. Mesmo assim, porém, esta nova edição se apresenta como um renovo importante. A edição da coleção *Os Pensadores* também conta com uma breve introdução, que trata sobre a vida e obra do monge beneditino de modo geral, porém a apresentação desta nova edição tem suas vantagens: apesar de ambas terem seu valor, a apresentação de Sidney Silveira se apresenta como um verdadeiro artigo introdutório⁵, discorrendo não somente sobre Anselmo, mas ainda sobre seu contexto cultural, histórico, religioso e filosófico. Também, esta apresentação apresenta o argumento central do *Proslógio*, posteriormente conhecido como “argumento ontológico”, não somente clarificando-o para o leitor, como ainda trazendo à pauta os grandes “adversários e seguidores” que o argumento angariou na história da filosofia, de modo bastante esclarecedor e instrutivo.

A tradução de Sérgio de Carvalho Pachá também tem um valor importante, não somente pela já mencionada fidelidade ao latim, mas ainda pela sua qualidade, servindo como uma verdadeira aula de português, não tanto pela complexidade – não são tantas as palavras que se faz necessário o dicionário, pode-se dizer⁶ –, mas antes pela sua beleza e construção. De fato, quem conhece o *Proslógio* sabe que, apesar da usual imagem das obras de filosofia como carrancudas e insossas, esta, assim como outras obras importantes, carregam consigo uma beleza não somente filosófica, mas também literária, como se pode ver em declarações como: “Ó misericórdia, com que abundante doçura e com que doce abundância fluis até nós!” (p. 55). E ainda: “Suplico-te, Senhor, que eu não desespere suspirando, mas respire esperando” (p. 43). Uma crítica possível é a permanência da tradução de *aliquid* como “ser”, tal como na tradução de Ângelo Ricci, questionável filosoficamente pela necessária diferenciação entre “ser” (*esse*) e “coisa”/“algo” (*aliquid*), uma vez que esta diferença não é somente importante dentro do próprio argumento principal do texto, como ainda para a filosofia em geral. Especificamente, esta diferenciação na tradução tende a ser um dos pontos da discussão se de fato o argumento de Anselmo pode ser definido como “ontológico”, tendo, hoje, diversos contestadores desta posição⁷.

⁴ ANSELMO, Santo. **Monólogo; Proslógio; A verdade; O gramático**. PEDRO ABELARDO. **Lógica para principiantes; A história das minhas calamidades**. Traduções de Ângelo Ricci e Ruy Afonso da Costa Nunes. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores).

⁵ As várias notas de rodapé na apresentação de Sidney Silveira não são somente marca de academicismo ou demonstrações de erudição, mas são verdadeiras referências de estudo e marcas que revelam a consciência do autor sobre o período e o personagem.

⁶ Muitas palavras são utilizadas para preservar a fidelidade ao latim, e acabam por servir para ampliar o vocabulário de leigos como eu, a exemplo de “edulcorar”, do verbo latino *indulco*.

⁷ Pode-se colocar G. E. M. Ascombe como um dos grandes contestadores da designação do argumento anselmiano como “ontológico”. Críticas subsequentes foram empreendidas por outros autores como Jean-Luc Marion, que buscou demonstrar como o argumento está fora da ontologia, por não tratar de metafísica. Cf. MARION, Jean-Luc. “Es el argumento ontológico realmente ontológico? El argumento sobre la existencia de Dios según san Anselmo y su interpretación metafísica en Kant”, **Tópicos**, Vol. 32, 2007, p. 179-205. Ao mesmo tempo, alguns especialistas se levantam para reafirmar o aspecto ontológico do argumento, a exemplo de Maria Leonor L. O. Xavier. Cf. XAVIER, M. L. L. O. “O Argumento Anselmiano: um argumento ontológico?”, **Ágora Filosófica**, Ano 1, No. 2, jul./dez. 2001, p. 66-81.

O “argumento ontológico” apresentado como elemento central no *Proslógio*, deve ser entendido a partir de seu ponto de partida: “Cremos, com efeito, que acima de ti [Deus] nada pode ser concebido pelo pensamento” (p. 45). Trata-se, aqui, de uma definição clássica de Deus como aquilo do qual não se pode pensar nada maior. Que Deus seria justamente isto – *aquilo do qual não se pode pensar nada maior* –, é, segundo Anselmo, algo que crentes e descrentes concordam. A descrença não contesta o conceito de Deus, mas que este de fato exista: “Trata-se, pois, de saber se tal ser existe, porque *o insensato disse em seu coração: Não há Deus*” (p. 45). A existência divina é o elemento questionado pelo “insensato” (descrente), portanto, e não o conceito de Deus, ou mesmo sua compreensão, pois “ele entende o que ouve; o pensamento está em sua inteligência, ainda que não creia que existe o objeto desse pensamento” (p. 47). Se o insensato entende, a sua ideia de Deus existe, mas no intelecto. Se existe no intelecto, porém, deve existir na realidade, pois se não existir na realidade, não é de fato *aquilo do qual não se pode pensar nada maior*, pois poderíamos pensar na mesma coisa acrescida pela existência real, fora do pensamento, de modo que já haveria algo maior a ser pensado. Deste modo, “existe, por conseguinte, sem sombra de dúvida, um ser acima do qual não se pode pensar o que quer que seja, nem no pensamento nem na realidade” (p. 47).

Trata-se de um argumento *lógico*, no qual Anselmo vale-se da contradição para indicar a existência divina como única possibilidade de escape. Como bem indicado no texto já mencionado de Sidney Silveira, assim como por outros autores⁸, o argumento angariou diversos continuadores importantes⁹, assim como críticos importantes¹⁰, de modo que uma crítica ou apologia do argumento em uma breve resenha se faz mais do que inconveniente. Limito-me a destacar que o argumento parte de uma premissa, que, apesar de Anselmo creditar tanto a crentes como descrentes, está no campo da fé¹¹.

Assim como a antiga edição da coleção *Os Pensadores*, esta edição da Editora Concreta traz, após o texto do *Proslógio*, tanto a famosa resposta do monge Gaunilo contra o argumento de Anselmo¹², como ainda a contra-resposta de Anselmo a Gaunilo¹³. A grande

⁸ Recomendo, a quem quiser aprofundar o estudo, a leitura do seguinte texto: XAVIER, M. L. L. O. “O argumento anselmiano entre continuadores e críticos”, In: XAVIER, M. L. L. O. (Coord.). **A Questão de Deus na História da Filosofia**. Volume I. Sintra: Zéfiro, 2008, p. 269-326.

⁹ São Boaventura, Alexandre de Hales e Duns Scot são exemplos da continuidade do argumento a um primeiro momento. Mesmo assim, porém, o argumento permanece sendo reutilizado e reapropriado. Alvin Plantinga, professor emérito da Universidade de Notre Dame, por exemplo, é indicado como continuador deste argumento, tendo estabelecido sua própria argumentação ontológica. Sobre o assunto, cf. GOMES, Nelson Gonçalves. “O argumento ontológico de Plantinga”, **Veritas**, Porto Alegre, Vol. 56, No. 2, maio/ago. 2011, p. 47-63.

¹⁰ Após a crítica do monge Gaunilo, contemporâneo de Anselmo, surgiram outros importantes contestadores, dentre os quais se destacaram Tomás de Aquino e Immanuel Kant. Cf. SILVEIRA, 2016, p. 32-34.

¹¹ O termo “cremos” (p. 45), tradução de *credimus* (p. 44) já indica que tratasse de uma lógica estabelecida a partir da fé. Isto vem em concordância com a afirmação de Santo Anselmo antes da apresentação do argumento: “Pois não busco entender para crer, mas creio para entender. Creio, com efeito, pois, *se não crer, não entenderei*” (p. 45). Posteriormente, São Boaventura (*Quaestiones de mysterio trinitatis*, 1) também ressaltará que o argumento está no âmbito da fé. Cf. SILVEIRA, 2016, p. 31.

¹² “Livro escrito a favor de um insensato: contra o argumento contínuo no *Proslógio* de Santo Anselmo, por Gaunilo, monge de Marmoutier” (p. 83-93).

¹³ “Apologia de Santo Anselmo contra Gaunilo” (p. 95-117).

novidade, porém, é que esta edição apresenta os três textos (*Proslógio*, resposta de Gaunilo, e defesa de Anselmo) em edição bilíngue. Esta característica, que tem marcado tanto a Coleção Escolástica, organizada por Sidney Silveira e da qual este livro faz parte, como ainda a própria Editora Concreta, tem sido um detalhe que tem conquistado um bom número de leitores e colaboradores por parte desta editora tão recente¹⁴. A vantagem do texto bilíngue tem atraído desde estudantes de latim e de filosofia, aos especialistas em filosofia escolástica e filosofia medieval, pois permite que o leitor recorra ao original, evitando más interpretações e leituras equivocadas que muitas vezes decorrem da tradução, mesmo que de qualidade. Assim, a própria publicação desta obra, demandada e custeada por financiamento coletivo, indica não somente uma consciência crescente da importância da filosofia medieval no contexto brasileiro, como ainda, em sentido inverso, uma carência ainda presente, uma sede ainda por ser saciada, de bons estudos e boas edições de filósofos e mesmo teólogos medievais no mercado editorial brasileiro. Este livro, mais do que uma nova tradução de Anselmo, é um símbolo de um renovo cultural que tem surgido a partir de editoras emergentes como a Editora Concreta, a Livraria Danúbio Editora¹⁵, e ainda outras que, mesmo bastante distantes da academia, se destacam por um trabalho belo, profundo e talentoso. Anselmo, com certeza, é apenas o começo.

¹⁴ A Editora Concreta, que vem atuando no mercado editorial desde 2014, foi criada por Renan Martins dos Santos, e surgiu mediante o financiamento coletivo (*crowdfunding*) de obras clássicas e, posteriormente, de obras inéditas. Assim, obras de Tomás de Aquino como seu *Compêndio de Teologia* e seu *Comentário aos Tessalonicenses* figuram entre as publicações de caráter teológico desta editora. Site: <http://livrariaconcreta.com.br/>

¹⁵ Site da editora: <http://livrariadanubioeditora.com.br/>